

## Preliminares

Provavelmente a curiosidade inicial de quem comece a ler esta dissertação seja pelo fato de uma mulher pesquisar “peladas” e se perguntar: será que a autora joga futebol? A resposta é negativa. Mas este questionamento foi lançado em praticamente todas as vezes que me aproximei de meus entrevistados explicando que a pesquisa que realizava tinha por tema tal esporte. Foram então todos informados, nessas ocasiões, que as únicas incursões tentadas na prática do esporte bretão haviam sido um tanto quanto fracassadas: as aulas de Educação Física, Olimpíadas internas da escola e uma traumática experiência na praia, na qual juntamente com minhas amigas, uma a uma, todas nos machucamos. Nunca fui uma boa jogadora.

Por que, alguém pode perguntar agora, o interesse em estudar o esporte, e mais, o futebol no contexto amador? Bom, se pode-se afirmar que a experiência vivida como jogadora foi ruim, não se pode dizer o mesmo da trajetória experimentada como torcedora e admiradora do esporte.

Desde criança acompanho jogos de futebol e freqüento estádios. Fanática pelo Clube de Regatas do Flamengo, com o passar dos anos a paixão pelo time e pelo esporte foi aumentando, assim como o interesse acadêmico pelo tema. Resolvi, então, unir o útil ao agradável e fazer dele o meu objeto de estudo no mestrado. Por gostar muito de futebol, minha pesquisa sobre as “peladas” no Aterro do Flamengo visa também contribuir para ampliar os estudos na área. Muito embora o Brasil seja considerado o “país do futebol” e a produção acadêmica sobre o tema seja vastíssima, ainda não se produziu em mesma quantidade sobre as “peladas” e o futebol não-profissional, amador. O foco de cientistas sociais, historiadores, jornalistas ou de profissionais da Educação Física está, basicamente, nos grandes times, na seleção brasileira, na relação da nossa sociedade com o esporte, nas torcidas, entre outros temas.

A vontade de estudar as “peladas”<sup>1</sup> veio do desejo de entrar num mundo que nunca foi o meu, mas que há muito tempo me intriga. A emoção que existe em jogar futebol entre amigos, o compromisso muitas vezes inadiável, a

---

<sup>1</sup> A partir daqui serão retiradas as aspas da palavra “pelada”.

sociabilidade que reforça os laços, o ritual de masculinidade que ali existe, sempre me encantou. Escolhi conviver - e viver - com isso no meu trabalho de campo. Para mim, uma das atividades mais prazerosas proporcionadas pela Antropologia é poder de alguma maneira embarcar na vida de um grupo, tentar entender seu funcionamento, suas práticas, regras, ditos e não-ditos, mesmo sem fazer parte dele. O entendimento do “outro”, muitas vezes tão próximo geograficamente e culturalmente, é de fato encantador. “Estranhar o familiar” (VELHO, 1978) é um exercício. Habito a mesma cidade que os peladeiros do Aterro, mas o significado daquele espaço para nós é totalmente diferente. O que pra mim não passava de campos de futebol, para muitos deles é o espaço privilegiado para o reforço de relações de amizade, sociabilidade e lazer. E mais do que isso, para alguns, é como a própria “casa”.

No primeiro semestre do curso de Mestrado, em 2010, cursei uma disciplina intitulada “Antropologia do Corpo e das Emoções”, e em meu trabalho final analisei um caso de racismo no futebol profissional<sup>2</sup> a partir de comentários de leitores de dois blogs<sup>3</sup> sobre esporte bastante acessados e conceituados. Chamou minha atenção naquela discussão que grande parte dos leitores justificavam o xingamento racista entre os jogadores profissionais a partir da relação que eles tinham com o futebol enquanto torcedores e com a pelada que jogam com amigos e conhecidos. Então escreviam que se ofender com xingamento em campo era frescura, porque insultos acontecem nas peladas e não se deve sentir ofendido. A ideia transmitida nos comentários era que mesmo um jogador profissional não poderia se ofender com um xingamento que está claramente fora do repertório permitido e aceito pelos atletas no ambiente de trabalho.

Fiquei intrigada em conhecer mais de perto aquele universo apresentado por seus membros como muito permissivo em relação a determinados comportamentos. A idéia inicial foi fazer uma etnografia de um lugar conhecido na cidade do Rio de Janeiro justamente por abrigar as peladas e observar os peladeiros e suas relações estabelecidas com e naquele espaço.

---

<sup>2</sup> Em uma partida entre Palmeiras e Atlético Paranaense realizada pela Copa do Brasil em 2010.

<sup>3</sup> Blogs do Rica Perrone (<http://www.ricaperrone.com.br>) e o extinto blog do jornalista Jose Ilan (<http://colunas.globoesporte.com/ilanhouse>)

O tipo de pelada estudada por mim, como se percebe pelo título deste trabalho, não é qualquer uma, pelo menos não no sentido de serem realizadas em qualquer lugar. Não são peladas jogadas em um campo de terra batida, com balizas improvisadas, com o gol demarcado por chinelos. Também não são jogadas em um espaço fechado, privado, pago. Distanciam-se, a princípio, do que normalmente se entende por pelada. Elas têm características particulares e muito interessantes, que nos fazem perceber como o espaço urbano público é rico em diversidade, movimentos, disputas e contradições. As peladas do Aterro do Flamengo me despertaram para isso.

Os moradores do Rio de Janeiro, de forma geral, conhecem e reconhecem o Aterro do Flamengo como o principal espaço dos peladeiros da cidade. Tal identidade veio sendo construída ao longo do tempo, como pretendo demonstrar no próximo capítulo. Obviamente existem outros campos espalhados na cidade<sup>4</sup>, mas não mobilizam jogadores de todos os cantos do Rio de Janeiro como os do Aterro.



**Figura 1.** Linha de produtos desenvolvida pela Nike denominada “Celeiro de Craques”. Para o Brasil, o local escolhido para representar esse celeiro foi o Aterro do Flamengo, o que demonstra a relação que existe entre o Parque e as peladas (aqui entendidas como reveladoras de craques). Não foi encontrado, no entanto, o ano em que foram lançados esses produtos. Fonte: Google.

<sup>4</sup> A citar na Zona sul o campo popularmente conhecido como “Maconhão”, na Lagoa, também é bastante ocupado por peladeiros.

O que sempre me chamou atenção nos peladeiros de lá é o fato deles realmente fazerem uso daquele espaço público, nos mais diversos horários. Por diversas vezes passei ali de madrugada, inclusive, e quase sempre havia pelo menos uma quadra sendo utilizada, mesmo em datas inusitadas, como a noite de Natal.

Diferente dos outros espaços do Parque, e em geral da cidade do Rio de Janeiro, aquelas quadras localizadas nas imediações de Museu da República são ocupadas de forma intensa também à noite e de madrugada, mesmo com a ausência de policiamento no local. Durante o período em que fui a campo, vi apenas uma vez policiais na área e o motivo era uma blitz na Praia do Flamengo.

Sabe-se que o Aterro não é o lugar mais seguro da cidade quando começa a escurecer. São diversas as notícias de assaltos praticados na região, especialmente por menores usuários de drogas que habitam o Parque e seus entornos. No entanto, isso parece não afugentar os freqüentadores das quadras, talvez por elas estarem localizadas em um lugar menos isolado e deserto - entre as pistas da Avenida Beira-Mar e da Praia do Flamengo – do que as outras quadras e a ciclovia, por exemplo.

Outro aspecto a ser destacado é a utilização dos campos pelo mais variado tipo de pessoas. Já assisti a campeonato universitário enquanto cursava minha graduação, e campeonatos de garçons, porteiros e funcionários da rede hoteleira também são realizados ali. Aliás, o que mais ouvi quando contava às pessoas o tema da minha dissertação foi: “ah, lá tem aquele futebol dos garçons, dos porteiros, *né?*”. Respondia que sim, é uma grande verdade. As peladas no Aterro têm, de fato, esta marca. Mas o que pouco se sabe é que outras pessoas também se reúnem e se encontram para jogar (ou não) compartilhando determinadas regras e comportamentos quando começam a freqüentar aquele “pedaço”<sup>5</sup>. A cidade, com toda sua diversidade, se mostra muito bem representada naquelas quadras de futebol.

Cabe, inicialmente, especificar: o que quero dizer quando falo de “pelada”? Apresento duas definições lingüísticas para o termo, para começo de conversa, sabendo que pelada é, também, uma categoria social. O Dicionário

---

<sup>5</sup> A categoria “pedaço” é aqui pensada como o antropólogo José Guilherme Magnani elaborou. No capítulo seguinte será explicada em detalhes a categoria.

Aurélio a define como: “Futebol. Partida entre meninos ou rapazes descalços, jogada em terrenos baldios, ruas, praças ou praias. Qualquer jogo de futebol pobre de técnica.”. Já o Michaelis diz: “Partida sem importância, de futebol, como as que os garotos jogam em campo improvisado. Partida mal jogada ou de pouca importância.”.

Pecebe-se que nas duas definições há uma preocupação em descrever o tipo de espaço no qual a atividade é realizada e por quem. A pelada não é jogada necessariamente em campos de qualidade, e nem por jogadores – destaque para definição de gênero: meninos, rapazes ou garotos do sexo masculino – que detenham habilidade. Não prima pela técnica ou pelo futebol-arte, nem por boas condições espaciais e logísticas.

Para uma pelada, inicialmente, são necessários apenas três elementos: bola, campo e jogadores. A qualidade da bola e do campo, quantidade de jogadores, uniforme e arbitragem são dados irrelevantes. O imaginário sobre pelada se construiu em torno de idéias como improviso, criatividade, espontaneidade, até mesmo a malandragem para driblar possíveis obstáculos que um campo ou bola ruins apresentam.

No entanto, o crescimento e ocupação das cidades trouxe à tona uma questão. A ausência de terrenos baldios limitou a prática do futebol cada vez mais a espaços fechados, como os *plays* de prédios ou condomínios e clubes, e a espaços administrados por órgãos do Estado, como o próprio Aterro do Flamengo. Para jogar naqueles campos é necessária uma autorização concedida pela Administração do Parque, que por sua vez está subordinada à Prefeitura do Rio de Janeiro.

Temos, então, uma pelada ordenada e regulada que, muitas vezes, conforma os peladeiros em times que reproduzem, de certa forma, o padrão de equipes profissionais. Possuem diretoria, sede, uniformes, estatuto, jogadores fixos, torcida. Alguns competem, disputam os melhores jogadores, pagam por eles, têm patrocínio, e ainda assim se intitulam como times de pelada<sup>6</sup>.

Como, então, pensar neste processo de organização de algo que, a princípio, é definido pelo improviso, pela descontração? Temos o fim da pelada

---

<sup>6</sup> É o caso do Ajax Futebol Clube, que se intitula o “melhor time pelada do mundo”.

ou apenas mais um formato desta, tendo em vista que as mudanças no espaço físico alteram também a prática do esporte?

O Aterro do Flamengo é uma das maiores obras urbanas realizadas no Rio de Janeiro. Localizado na Zona Sul da cidade, transpassa os bairros de Botafogo, Flamengo, Catete e Glória, sendo seus moradores em sua maioria pertencentes a uma classe média. Mas o Aterro, diferentemente de outras áreas de lazer da cidade que, à exceção das praias, reúnem majoritariamente vizinhos e moradores do entorno, é freqüentado por habitantes de toda cidade, nas suas áreas de esporte e lazer, especialmente nos finais de semana. O Aterro é, também, um lugar de disputa simbólica, como outros tantos do Rio de Janeiro.

A quem pertence? Quem tem o direito de freqüentá-lo? As mesmas perguntas se reproduzem, com outra roupagem, também dentro dos campos. Hierarquia, rivalidade, posse: quem pode jogar nos campos no Aterro? Os espaços públicos que por vocação deveriam ser de acesso igual a todos, também parecem ter seus donos.

Se em um espaço fechado e pago a partida se dá entre “iguais”, os jogos em espaços públicos em princípio colocam em contato lúdico classes distintas. A sociabilidade promovida pelo esporte proporciona isso. No caso das peladas, dentro de campo, as diferenças - que não as técnicas - se anulam, ou supostamente devem se anular. O comportamento esportivo não permite preconceitos (tolerados apenas em tom de brincadeira, entre amigos), e essa regra é tida como dada.

São diversas as equipes que têm os campos do Aterro como sede de seus jogos. Conhecidas ou não entre os peladeiros, estruturadas ou não, elas diferem entre si. Enquanto umas buscam principalmente a diversão, sem compromisso - seguindo fielmente o que seria a definição de pelada dada pelos dicionários -, outras visam a competição. Há ainda aquelas que não competem, mas se estruturam de uma forma que parece negar o que inicialmente se entende por pelada. Muito embora, vale destacar, esses perfis se aproximam quando falamos de emoção e excitação, características das atividades de esporte e lazer.

Muitos desses times têm o “Aterro” no nome<sup>7</sup>, trazem uma marca identitária e também uma ideia de apropriação daquele espaço como deles, como

---

<sup>7</sup> Exemplos: Ajax do Aterro, Juventude do Aterro, Dínamo do Aterro, Porto do Aterro.

privado, particular. É comum ouvir referências ao local como “nosso campo”, “Aterro é nossa casa”, o que denota apego e identificação com o local, muitas vezes pelo tempo em que jogam lá. É interessante pensar as identidades dos times construídas e vinculadas ao Aterro, e explorar como e porque eles fizeram daqueles campos suas “casas”. Uma das explicações possíveis é o fato daquela ser uma área de uso gratuito e acessível a todos, diferente dos clubes e dos campos pagos da cidade.

A rivalidade entre os times é um aspecto a ser destacado. Esta se dá muitas vezes ancorada na antiguidade de utilização do Aterro como lugar para realização dos jogos. Existe também uma hierarquia entre os times, entre os que já “tem nome” e os que estão se construindo naquela área. Um embate silencioso – ou explanado durante uma competição que observei - entre os “estabelecidos” e os “outsiders” (ELIAS; SCOTSON, 2000).

É sempre uma disputa pra saber quem é o melhor do Aterro, o melhor do “pedaço”. E, ser legitimado como o melhor ali, representa também ser o melhor das peladas da cidade. O Aterro é reconhecido na cidade como o espaço privilegiado para isso.

### **1.1. A etnografia da pelada: “de perto e de dentro”**

Antes mesmo de decidir o tema desta dissertação tinha apenas uma certeza: a de que faria trabalho de campo. Qual seria o campo, com quem, com quais objetivos foram perguntas que me fiz depois, já com a ideia de pesquisar as peladas definida. Independente do assunto, um dos meus maiores interesses ao mudar de curso – da História para as Ciências Sociais – na pós-graduação era realizar pesquisa de campo.

A escolha pela etnografia se deu primeiro pela vontade de ir à campo e também por uma necessidade. O estudo das peladas solicita uma etnografia, especialmente pelas variações a que esta prática está sujeita. Não existe “a” pelada, mas existem várias, cada uma com sua especificidade. Observar de perto me pareceu a melhor opção para estudar a pelada que me foi apresentada pelo time que acompanhei naquelas quadras do Aterro.

Uma parte deste trabalho é, portanto, constituída por uma etnografia do futebol no Aterro do Flamengo, a partir das observações feitas nos jogos de uma equipe chamada Ellite Futebol Clube, em uma perspectiva caracterizada por Magnani como “de perto e de dentro”: “capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.” (MAGNANI, 2002, p.7). E também, na perspectiva de Clifford Geertz da elaboração de uma descrição densa,

O que o etnógrafo enfrenta (...) é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (...) Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos. (GEERTZ, 1989, p.20)

Por já ter ido algumas vezes ao local em situações anteriores à pesquisa, imaginava que seria difícil entrar naquele mundo sem que alguém me ajudasse a abrir as portas. Chegar sozinha, especialmente à noite, sendo mulher, ficar observando e tentando me aproximar seria uma tarefa difícil, e até mesmo um pouco perigosa pelo fato do Aterro, como mencionei anteriormente, não ser muito seguro. Só me sentiria tranquila à noite se estivessem avisados da minha chegada e do motivo das minhas visitas. Tendo sentido a necessidade de estar acompanhada de alguém do “pedaço”, decidi escolher um time para observar.

## 1.2. A escolha do time: o Ellite Futebol Clube

No início da pesquisa fiz diversas buscas na internet sobre as peladas no Aterro do Flamengo. Foi uma solução que encontrei, tendo em vista que não conhecia ninguém que jogasse regularmente lá. Encontrei dois times, o Ellite e o Ajax, que têm sites bastante completos e organizados, e uma vasta experiência no Aterro. Entrei em contato com ambos, mas apenas uma equipe me respondeu.

A pronta resposta veio do Ellite Futebol Clube<sup>8</sup> e decidi que acompanharia seus jogos. O primeiro contato foi feito por email. Expliquei meu interesse e pedi

---

<sup>8</sup> Para maiores informações, ver site da equipe: <http://www.ellitefc.com.br/>

para assistir as partidas deles. A resposta foi positiva e na minha primeira visita me senti muito bem recebida, fiquei bastante à vontade. Os jogadores mostraram-se interessados e dispostos a me ajudar.

Os jogos do Ellite são realizados religiosamente – salvo poucos incidentes – todas as quartas-feiras, às 21 horas, no Campo 3. O que me chamou atenção inicialmente foi o fato das partidas se realizarem no dia da semana clássico do futebol profissional, a quarta-feira. Curiosa, perguntei a eles como fazem em dias de jogos importantes de seus times – pressupondo que quem joga futebol também acompanha e torce – e fui informada de que não faltam às partidas do Ellite mesmo assim. Comentaram, no entanto, que nesses dias fica mais difícil conseguir adversário.

O perfil do time, fundado em 1998 por amigos de colégio, é de jogadores entre 26 e 39 anos, graduados e pós-graduados, moradores de bairros da Zona Sul, Barra e Recreio. O Ellite tem estatuto, diretoria e conselho deliberativo, uma estrutura bastante similar a qualquer clube de futebol profissional.

De acordo com as palavras do presidente da equipe, “o Ellite F.C. é mais do que uma família, é uma lição de vida para ser perpetuada e seguida enquanto Deus nos dê pernas e saúde para fazer do futebol um meio de amizade, interação e convívio social.”<sup>9</sup>

Segundo eles, jogam uma “pelada organizada”. Mantendo o que no entendimento do grupo é a “essência” das peladas – a amizade – prezam, no entanto, pela organização dentro e fora de campo. Essa ideia de “pelada organizada”, aparentemente contraditória, chamou desde o início a minha atenção, e foi entorno dela que foram sendo elaboradas as questões sobre as peladas naquelas quadras do Aterro do Flamengo. Como a “verdadeira” pelada pode ser organizada, me perguntava. Com o tempo concluí que pelada era um assunto para se tratar no plural, pois as suas práticas podem ocorrer de diversas formas, assim como o próprio futebol.

Escolher um time em meio a tantos que frequentam aquele espaço não foi uma tarefa fácil. Durante algum tempo algumas dúvidas me acompanharam, especialmente por conta do Ellite não ter o perfil clássico dos times do Aterro: eles pertencem, de fato, a uma “elite”, enquanto boa parte das equipes que jogam

---

<sup>9</sup> In:

[http://www.ellitefc.com.br/web/index.Joãop?option=com\\_content&task=view&id=2&Itemid=15](http://www.ellitefc.com.br/web/index.Joãop?option=com_content&task=view&id=2&Itemid=15)

naquelas quadras são mais “populares”. Ao mesmo tempo, a angústia também se dava por conta da amplitude daquele campo, das diversas possibilidades de análise que se abriam e da minha impossibilidade de abraçar todas.

Com o tempo entendi que se me concentrasse no meu objeto, o Ellite, poderia captar melhor – e também a partir dele – a riqueza daquele espaço e das peladas lá jogadas.

### **1.3. A pelada em capítulos**

Esta dissertação divide-se em duas partes. No “Primeiro Tempo” trago algumas informações sobre a construção do Parque do Flamengo, inaugurado em 1965, e elaborado como uma área de lazer na cidade do Rio de Janeiro. Busco recapitular, a partir da pesquisa em jornais, como aquelas quadras de futebol se tornaram o “templo sagrado” dos peladeiros cariocas. Nesta mesma parte, em outra seção, realizo uma etnografia, fruto das observações colhidas nas peladas do Ellite Futebol Clube, time que há 11 anos joga no Aterro do Flamengo uma “pelada organizada”.

No Segundo Tempo, penso nas relações entre a “pelada organizada” jogada pelo Ellite e as quadras do Aterro do Flamengo enquanto um espaço público e “sagrado” para os peladeiros.

Procurro, então, no primeiro capítulo entender como o Aterro passou a se identificar com as peladas no Rio de Janeiro. No segundo capítulo, a partir das observações de campo, analiso um time de pelada que está intimamente relacionado com aqueles campos para, por fim, no terceiro capítulo, pensar nas relações entre esse time e o Aterro como um espaço público.

Que role a bola!